

RETALHOS DA ADMISSÃO DE BERNARDO ÉLIS NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Irapuan Costa Junior

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)
irapuan.junior@uol.com.br

Foi em abril ou maio de 1975, quando se iniciava o período de governo estadual, que o Marcus Fleury, Secretário de Governo, me comunicou:

- O Bernardo Élis é candidato à ABL.
- Ótimo - disse eu – vamos torcer por ele.
- Não basta torcer – retrucou Fleury – seu adversário é ninguém menos que Juscelino. Temos que dar alguma ajuda.

Fleury tinha razão. Embora cassado pelo regime militar, Juscelino tinha enorme conceito entre os brasileiros. Embora nem de longe tivesse o talento literário de Bernardo, não era adversário de se desprezar. Tinha inúmeras ligações pelo Brasil afora. E Bernardo sempre se escondeu atrás de uma cortina de modéstia, quase de timidez. Era visível a preocupação de Fleury, que além de torcer por Bernardo como goiano, ainda o fazia como parente próximo que era.

Pedi a Fleury, que era militar e estrategista, que elaborasse uma linha de atuação, e com ela em mãos saímos a campo. De início, pudemos nos aproximar de dois acadêmicos, que auxiliaram bastante na busca de votos entre os colegas: Aurélio Buarque de Holanda, que já conhecia Bernardo há bastante tempo e Clodomir Vianna Moog. Este último pode ser contatado através do irmão, o General Olavo Vianna Moog, que eu conhecera através do Fleury, que lhe era próximo, e havia sido Comandante Militar do Planalto. Pedi também a dois governadores com quem tinha mais proximidade que auxiliassem com os acadêmicos de seus estados, pedindo que, sem desfazer de Juscelino, mostrassem os dotes literários de Bernardo: Aureliano Chaves, de Minas Gerais e Paulo Egydio, de São Paulo. A intelectualidade goiana, por outro lado, e nem é preciso dizer, se movimentava, buscando seus contatos que pudessem render votos entre os acadêmicos.

Após quase meio século, a memória me trai quando tento lembrar detalhes da votação, mas o fato é que fomos vencedores, e Bernardo, em outubro, era proclamado o quarto ocupante da Cadeira 1 da ABL, cujo patrono é Adelino Fontoura.

Comuniquei a Bernardo, que eu chamava de professor (fui seu aluno no Liceu de Goiânia), que como de praxe o Estado patrocinaria seu fardão e que eu levaria uma pequena comitiva à sua posse em dezembro. Embora muitos desejassem lá estar, o salão de Academia, no centro do Rio de Janeiro, não comportava muitos convidados.

De fato, em 10 de dezembro de 1975, comparecemos à posse, José Luís Bitencourt, que era vice-governador, Francisco de Castro, que era prefeito de Goiânia, o jornalista Jayme Câmara, Marcus Fleury e eu. Detalhes que me chamaram a atenção, além é claro, do discurso de Bernardo: o discurso de recepção de Aurélio Buarque de Holanda, uma peça admirável de análise da obra de Bernardo, além de um exemplo de oratória; e o comparecimento em pessoa de Juscelino Kubistchek, que com sua elegância e simpatia, ali estava para prestar seu tributo de vencido ao vencedor, o nosso incomparável Bernardo Elis.

SOBRE O AUTOR

Irapuan Costa Junior

Era Governador de Goiás à época da eleição e posse de Bernardo Élis na ABL.
